

Mari querida,

São 11 e 20 agora. Daqui a pouco chega Seu Raulino. Imagina que vamos dançar bolero num tempo com tempo de aprender a dançar com o outro.

“A meia noite é também o meio dia” e não nos sentimos no Japão, mas também não estamos exatamente no mesmo lugar. Nos deslocamos por um outro que você nos trouxe, onde o ritmo caminha generoso embaralhando o sentido dos hábitos. Entre cada segundo seu existe um espaço a mais.

Ao entrar, o relógio altera a disposição dos dias e nos coloca num cálculo absurdo abrindo a seguinte questão: Que horas são?

O que importa? Ainda há tempo.

Com todo carinho,
Cinthia, Sara e José.

Estas cartas fazem parte da exposição “Solto, Cruzado e Junto”, de Cinthia Marcelle, Marilá Dardot e Sara Ramo – abril/maio de 2004.

W E R M E L L O

Mari, querida,

Não resisti. Acabei escrevendo novamente. Saí do almoço na sua casa meio desnorteada, andando pela rua, totalmente vazia. Pensei: ah! quando chegar em casa, escrevo. Então, aqui vai: a mim me pareceu que esses seus últimos trabalhos estão mais “fortes” do que os outros. Não sei se sempre vai ser assim do último ser inevitavelmente aquele que mais me toca. Mas, apesar disso ou justamente por isso, não posso deixar de registrar algumas impressões. Fiquei impressionada com o trabalho que você teve pra fazer “Sob Neblina”. Você tinha me contado, entretanto quando vi aquele tanto de papel, com aquele monte de frases e você tentando entender os tipos de silêncio, pude verificar de que forma aquele terreno se fazia heterogêneo e “polissêmico”, como você disse. Não sei, Mari, mas acho que esse método, se assim posso chamar, que você usou para fazer esse trabalho poderia render outras coisas, outros trabalhos. Pode ser que você tenha pensado nisso também. Enfim, acho que a sua relação com a literatura (e também com a filosofia) é sempre presente e que em “Sob Neblina” você consegue aproximar bastante essas coisas, aproveitar de uma maneira muito rica e interessante as suas leituras, como já havia feito em trabalhos anteriores como aquele das plaquinhas no jardim de que esqueci o nome agora. Em relação especificamente ao trabalho atual me chamou atenção como a matéria (vidro jateado) funcionava meio que como uma placa onde todos os silêncios conseguiam pairar. Apesar de diferentes os sentidos de cada um deles, eles iam se reforçando, aprofundando-se uns nos outros, entende? E isso parece que acaba arrastando quem lê aquele caderno pra um terreno que não é de um silenciosinho aqui ou ali, ou de uma pausa que por ventura tenha acontecido em um momento localizado, mas é de um silêncio total e completo. Aí que eu acho que a coisa muda de estatuto, provoca uma mudança de estado. Acredito que isso seja uma decorrência da própria seleção baseada nesta palavra-chave que você escolheu em relação com a matéria, que propicia como que um pano de fundo (não sei se essa palavra é justa) no qual o silêncio consegue se aprofundar para além de alguns possíveis limites terrenos.

Beijão da sua
Caia.

Cin, meu par,

Um dia você me ligou dizendo: Mari, semana que vem vou pra África!. Quase morri de susto – a África era pra mim um lugar quase imaginário, mítico, a África era o aberto. Estávamos em agosto, mês dos ipês floridos, e após três anos de espera poderíamos enfim fazer o “Irmãs”. Os amigos ajudaram: passamos noites fazendo juntos as flores de papel crepom; e um dia antes de

sua viagem colorimos os chãos dos ipês com suas cores trocadas, num dia nublado e muito frio. E então você sumiu. Foi pro lado de lá do mar.

Foi um mês que aqui passou corrido como sempre – as andanças e afazeres cotidianos fazem o tempo e os olhos não se demorarem tanto. Mas eu sabia que pra você o tempo devia andar diferente. Fui a São Paulo. Andava à toa pela Avenida Paulista, quando de repente percebi que eu andava rápido demais, apesar da minha falta de pressa ou destino: eu ia no fluxo dos pedestres, que seguiam o ritmo da cidade numa segunda-feira qualquer. Fiquei pensando nisso, em como a cidade nos invade, nos faz querer pertencer a ela. E tentava imaginar quais seriam as invasões africanas em você. Quando recebi seu primeiro e-mail, você já me parecia outra, desconectada daqui, mergulhada na descoberta de um mundo outro.

Ao ver “Capa Morada”, percebi o seu processo de mergulho. Lembrei que em “Irmãs” usamos o contraste das cores complementares para tornar vivos os olhos à experiência cotidiana dos ipês nas ruas de nossa cidade. Você, ao contrário, ainda tinha na África os olhos vivos demais – o corpo é que pedia pertencer àquele lugar. Você se deslocava na cidade procurando abrigos, como nômade que constrói uma morada para cada paisagem. E pelas cores você se fez parede, coisa, gente, se fez a mestiça que já era entre os mestiços de lá.

sua sempre,

Mari.

Sara,

Quando você me mostrou as fotos que fez no meu banheiro, tive a sensação de não reconhecer ali os objetos que na realidade me pertenciam, tirados das gavetas, caixas, armários onde permaneciam ocultos, em sua quietude de coisa. Alguns, claro, de uso cotidiano: a escova de dentes, os frascos de xampu, a toalha ainda molhada do último banho. Mas havia muito mais. Um emaranhado de colares revelava nesse embarço sua inutilidade. Um vidro de perfume francês, ainda fechado. Os batons que já devem estar secos, um gel com purpurinas à espera de um carnaval, os cremes que nunca uso. Um monte de bugigangas.

Aquele lugar construído para o esvaziamento e a limpeza abrigava em suas entranhas resíduos de tanto tempo, memórias, projetos falidos, planos de cuidados. E você, como criança travessa,

revelava-me na sua bagunça – ou numa nova ordem, de certa forma arqueológica – o exagero de coisas das quais pensamos precisar.

Fiquei lembrando de uma semana que passei encaixotando coisas para mudança. Livros, papéis amarelados, utensílios de cozinha, potes diversos com parafusos, pregos enferrujados, pincéis endurecidos, restos de cola, de solvente, de estopa, flanelas empoeiradas, caixas de slides, recortes de jornal, brocas, ferramentas, alfinetes, álbuns de fotografias, cds, rolos de filme, computadores, lençóis, lâmpadas, extensões, retalhos de papelão, de plástico bolha, envelopes, revistas, catálogos, coisas de banheiro. Feita a mudança, fui ao Palácio das Ferramentas comprar umas mãos francesas na tentativa de pôr ordem naquela zona. Foi lá que me veio enfim uma sensação de vertigem: milhões de outras coisas apareceram – coisas para sustentar, prender, encaixar, trancar, suspender, modificar outras coisas. A normalidade das coisas me aterrorizava; tive ânsias de jogar tudo fora e viver como gato, que só tem seu próprio corpo.

Mas permaneci do mesmo jeito, demasiadamente humana; e depois disso fiz ainda duas grandes mudanças.

Sua,
Mari